

Eudoro de Sousa

Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a
Universidade do Porto

COORDENAÇÃO

Celeste Natário

Luís Lóia

Marcus Mota

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2019

FICHA TÉCNICA

Título: Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto

Coordenação: Celeste Natário, Luís Lóia, Marcus Mota

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-24-8

DOI: 10.21747/978-989-8969-24-8/eud

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1685&sum=sim>

Marcus Mota *

O Heráclito de Eudoro de Sousa

Resumo:

Heráclito é um paradigma textual e intelectual para o pensador luso-brasileiro Eudoro de Sousa. E tal correlação entre Heráclito e Eudoro de Sousa modificou-se ao longo de mais de 40 anos de estudos e publicações de Eudoro. É o que pretendemos demonstrar neste artigo.

Palavras-Chave: Heráclito, Eudoro de Sousa, Cultura Clássica, Escritura.

The Heraclitus of Eudoro de Sousa

Abstract:

Heraclitus is a textual and intellectual paradigm for the Luso-Brazilian scholar Eudoro de Sousa. And such a correlation between Heraclitus and Eudoro de Sousa has changed over more than 40 years of Eudoro's researches and publications. This is what we intend to demonstrate in this paper.

Keywords: Heraclitus, Eudoro de Sousa, Classics, Writing.

* Marcus Mota. Universidade de Brasília: marcusmotaunb@gmail.com

*Para meu amigo Luís Lóia,
que me fez retornar aos Estudos Eudorianos.*

A presença de referências a Heráclito e seus fragmentos se estende por momentos fundamentais da carreira e do pensamento de Eudoro de Sousa. Retomando a argumentação de *História e Mito* (SOUSA,1981), haveria um Heráclito para cada um desses momentos. Sendo assim, a meditação em torno dos fragmentos do filósofo de Éfeso acompanharia mudanças fundamentais na vida e na obra de Eudoro de Sousa. É o que pretendemos demonstrar neste artigo.

Para nos auxiliar em nosso objetivo, será necessário uma visão geral dos fatos e feitos de Eudoro em ordem cronológica, como se segue na tabela abaixo¹:

	TEMPO	LUGAR	AÇÕES	PUBLICAÇÕES
1	1911-1921	Lisboa-Portugal	Nascimento, infância.	
2	1922-1933	Lisboa- Portugal/ Paris-Franças	Indicação de carreira eclesiástica abortada: um ano em Paris (1928), retorno à Lisboa. Conclusão do secundário.	
3	1934-1939	Lisboa-Portugal,	1-Tentativas de curso superior: 1934-1937, matemática, química, biologia, na Faculdade de Ciências de Lisboa; 2- Autodidatismo. Alemão, grego; 3- Contato com integrantes da Escola Portuense.	“Fragmento sobre Novalis”,1940².
4	1940- 1951	Lisboa- Portugal/ Heidelberg, Alemanha	1-Estada na Alemanha, 1940(sete meses); 2- Aprofundamento dos estudos dos textos clássicos e suas implicações históricas e filosóficas; 3- Ruptura com Escola Portuense.	Publicações de artigos nas revistas <i>Litoral</i> , <i>Rumo, Atlântico</i> . - Tradução comentada de <i>Poética</i> , de Aristóteles (1951)

¹ Fonte das informações: LÓIA, 2018. Em negrito se marcam os textos relativos ao encontro entre Heráclito e Eudoro de Sousa.

² Texto disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s2/UCBG-RP-1-5-s2_item1/P79.html

5	1952- 1961	São Paulo- Brasil/ Florianópolis- Brasil	AA- Contato com o Grupo de São Paulo; 2- Aulas em Faculdades de Filosofia; 3- Fundação da Universidade Federal de Santa Catarina (1955).	- Artigos na Revista Brasileira de Filosofia, entre eles “Fontes da História da Filosofia Antiga (1953)” . - “Escrita Cretense, Língua Micênica, e Grego Homérico”, 1955.
6	1962- 1987	Brasília-Brasil	AA- Fundação da Universidade Federal de Brasília (1962); 2- Fundação do Centro de Estudos Clássicos (1962-1969).	1-Horizonte e Complementarid ade: Ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos,1975. 2- Filosofia Grego, 1978.

Em seguida, vamos tentar compreender o que significa Heráclito em cada um desses momentos da cronologia eudoriana. E, finalmente, traçaremos algumas implicações dessa extensa reinterpretação de Heráclito, como forma de oferecer uma compreensão mais global de tal iteratividade heraclítica.

O Primeiro amor

Examinando a tabela acima, vemos que, a partir do momento ‘3’, quando se observa uma orientação mais clara de Eudoro de Sousa em determinar suas opções profissionais, temos o início de sua relação com Heráclito. E o que temos aqui?

Eudoro de Sousa expõe suas ambições escriturais e filosóficas em um texto de 1940, publicado na revista *Presença*, segunda série, sob o título de “Fragmentos sobre Novalis” (SOUSA, 1940). Este, considerado até agora sua primeira obra publicada,

divide-se em duas partes: 1-um sintético e denso introito, no qual se explicitam ideias que justificariam a tradução; 2- tradução de fragmentos selecionados de Novalis.

Essa dicotomia entre comentário e tradução já é significativa: forma um modelo para o jovem Eudoro de Sousa, indica sua iniciação na escrita e na reflexão crítica. Em um primeiro lugar, a dicotomia dirige ao próprio jovem, que se vê dividido em duas tarefas- fornecer para o público português o contato com o pensador fundamental do Romantismo Alemão e apresentar para este mesmo público a relevância de se estudar este autor. Assim, Eudoro de Sousa estreia como autor sendo tradutor e comentarista de outro autor. Eis como à introdução à tradução começa:

“Os fragmentos de Novalis são, já de per si, bastante significativos e unos, não necessitando de qualquer comentário prévio. A sua Unidade de sentido enraíza na existência dum mesmo espírito que, de Heráclito ao nosso tempo, aquém e além do Romantismo, ora oculto, ora visível, mas sempre presente, sopra onde quere (SOUSA,1940, p.43).”

No texto supracitado já vemos outro duplo, subsequente desdobramento: Novalis puxa a corda e chegamos a Heráclito. Eudoro traduz e comenta Novalis, mas Novalis retoma algo mais antigo – a Tradição Clássica. Há, pois, desde já, um horizonte de interconexões, que projetam uma continuidade histórica por meio de tempos diversos, tese que depois será expandida em *História e Mito*, último livro ou último esforço argumentativo-escritural de Eudoro.

Desse modo, essa fenomenologia transhistórica reúne as pontas extremas –início e fim – e vincula Heráclito, Novalis e, disto, o próprio Eudoro.

Esse é a orientação dessa ‘Unidade’ indicada no artigo de 1940: se ‘a unidade de sentido enraíza na existência dum mesmo espírito’ comum a Heráclito, Novalis e Eudoro, a forma-fragmento em si mesma registra, mais que uma opção linguística, uma experiência histórica, uma historicidade na qual a incompletude dialoga com uma plenitude, formando esse jogos de contrários nos quais se exerce esse modo efetivo de transhistoricidade.

Contradições, contrários, paradoxos – isso desde já o temos: ‘mesmo espírito se entrechoca com diversos outros tempos, ‘aquém e além’, ‘ora oculto, ora visível’. A linguagem aqui ratifica o fluxo – ‘mas sempre presente’ – de identidades que se integra em uma instância superior. Para além das ocorrências individuais, isoladas, temos o ‘espírito’, a ‘unidade’, aquilo que ‘sopra onde quere’.

Dessa maneira, Eudoro abre seu texto e inaugura sua carreira intelectual. E o faz em um anti-comentário: como havia afirmado, ‘Os fragmentos de Novalis são, já de per si, bastante significativos e unos, não necessitando de qualquer comentário prévio’. Então Eudoro não busca explicar, traduzir o conteúdo de um autor, inserindo-nas historiografias habituais e nem se inserindo nos habituais recursos normalizadores da recepção filosófica. Eudoro incorpora o que traduz em seu próprio texto. Ele transita no autor traduzido. O artigo mesmo de Eudoro é uma transação intertextual, uma concreta experiência transhistórica.

E por que assim agir? Ora, antes, há outra pergunta: por que Novalis? Eudoro debuta com um autor que se movia entre a Literatura, a Filosofia, Ciências da Natureza, Estudos da Religião. Essa dimensão transdisciplinar de Novalis desloca-se dentro de um breve espaço de existência: Novalis morreu em 1801 com a idade de apenas 28 anos – idade próxima daquela em que Eudoro escreveu/publicou seu primeiro texto.

Tal dimensão multidisciplinar de Novalis e do Romantismo alemão possui uma outra faceta: a da busca de uma racionalidade múltipla, crítica do Iluminismo francês, a qual seriam associados outros nomes como o de Schelling, cuja filosofia da mitologia encontraria ecos profundos em Eudoro.

E, além de tudo, Novalis comparece em virtude de sua expressão verbal: tanto a forma do fragmento, quanto o jogo de antíteses irão se manifestar nos textos de Eudoro. É o que se observa em outro trecho do introito à tradução: “Cada fragmento é como uma sondagem poética da romântica “noite diurna” que envolve o mundo na sua névoa luminosa. Por isso, ao contrário do aforismo, que sempre conclui, o fragmento inicia apenas um possível infinito discorrer. Se o aforismo é limitado na sua forma e porque limitadas são as coisas à luz crua do Meio-Dia. Mas, os limites do fragmento são os limites duma visão que não encontra no mundo quaisquer limites (SOUSA,1940, p.43).”

Tradução e Filologia

Se no texto de 1940 Heráclito era visado de modo indireto, a partir de momento 4 em diante o pensador de Éfeso nunca mais deixará de ocupar um lugar central na produção bibliográfica eudoriana: entre os anos 1940 e 1950, ainda em Portugal, Eudoro aprofunda seus estudos de alemão e grego, o que o leva ao contato com a erudição no campo dos Estudos Clássicos, e suas ambições de uma ciência histórica do passado por meio de uma série de produtos: edições críticas de textos, dicionários, enciclopédias, revistas

acadêmicas, estudos, reconstruções históricas, etc., herança das ideias do Romantismo Alemão.

Entre esses materiais temos a coletânea *Die Fragmente der Vorsokratiker*, que fornecia para estudantes de filosofia restantes de pensadores citados por diversos outros autores clássicos e pós-clássicos. Os textos eram apresentados por sua ordem cronológica de citação e distribuídos em três rubricas: A – Biografia e doutrina; B- textos atribuídos a cada autor; C- imitações.

Esta coletânea didática teve uma primeira edição em 1903 por Hermann Diels. A ele se associou depois Walther Kranz, o que determinou a dupla Diels-Kranz, sigla DK, como registro icônico da obra. Eudoro vale-se da quinta edição em três volumes, de 1952, para publicar, já no Brasil, em dois artigos o que denominou “Fontes de Estudo da Filosofia Antiga, na Revista Brasileira de Filosofia” (SOUSA 1954)³. Seria como seu batismo de chegada ao Novo Mundo. Antes de vir ao Brasil, por indicação de Delfim Santos, começou a trabalhar nessa tradução que envolve não apenas um conhecimento de línguas: trata-se de um acesso a fontes originais de um pensador fundamental da tradição filosófica ocidental. E esse acesso em uma forma sistemática como o é o da coletânea DIELS-KRANZ tanto situa o estudioso no universo acadêmico, quanto projeta o futuro docente. Afinal, pesquisar e ensinar se tornam faces de uma atividade de pesquisador dentro do ambiente universitário.

O segundo artigo desse “Fontes” é todo dedicado a Heráclito, seguindo o capítulo 22 de DIELS-KRANZ, vol 1. Ali podemos ver os 126 ‘fragmentos canônicos’ até a data traduzidos e junto de seus contextos de citação⁴. Esse modo de proceder é fundamental pois não temos textos originais na transmissão de Heráclito: tudo depende de segunda mão, de autores que citam de memória ou com o livro de Heráclito diante de si.

Como traduzir é também uma maneira de estudar, este trabalho de Eudoro leva-o mais próximo dos matizes do texto, e de sua recepção crítica. As opções tradutórias estabelecem um diálogo com comentadores e outros tradutores. Por isso essa tradução é um entremeado de diversos outros textos: temos aquele que segue os protocolos da filologia clássica registrados na edição DIELS-KRANZ; mas temos, ao lado, a inserção de adendos, justaposições, notas, palavras originais em grego, trechos em alemão de outras fontes, marcas de dúvida e/ou trechos interrompidos e/ou elipses, harmonia interna

³ A partir de 1952 temos, em relação à edição de 1934-1937, última com alterações, um índice de palavras elaborado por W. Kranz. V. REALE, 2006.

⁴ Essa prática se vê, por exemplo, em COSTA, 2002.

(referências a outros fragmentos), entre outros. De sorte, que há uma enciclopédia heraclítica no artigo, o que reitera uma longa etapa de meditação em torno do filósofo de Éfeso.

Esse trabalho filológico seria uma etapa da relação entre Eudoro e Heráclito continuamente retomada. Os momentos que se seguem encontram-se indelevelmente marcados pelo intenso estudo dos fragmentos. A partir dessa leitura detida, temos tanto uma explosão ensaística que se verá a partir dos anos 60-70 do século passado, quanto retraduições dos fragmentos. Eudoro irá refazer essas traduções em pelo menos duas ocasiões: como material base para a parte sobre Heráclito que fecha o livro *Horizonte e Complementaridade* (SOUSA, 1975), ou em uma coletânea de textos para curso de filosofia (SOUSA 1978)⁵.

Comparando com o momento anterior, vemos novamente o dualismo e complementaridade entre texto e comentário, mas em um nível bem superior: das ideias, associações, intuições, expressividade verbal partimos para uma exploração mais consciente das diversas referências que textos com séculos de interpretação difundem. Da síntese primeira, temos agora o lento movimento das análises.

O Escritor e o Filósofo

Em 18 de janeiro de 1969 Eudoro publica no caderno cultura do jornal *Correio Braziliense* o artigo ‘Heráclito e a vocação do Filósofo’. Em primeiro lugar, chama a atenção o fato de Eudoro ter escolhido tal veículo para fazer circular suas reflexões. Nas oito colunas do artigo publicado temos um inédito encontro entre Heráclito e Eudoro, impressos em papel e tinta entre notícias e anúncios para o grande público. O fato é que Eudoro havia se mudado para Brasília sete anos e no ambiente jovem da nova capital de Brasília empenhou-se em um projeto singular: no meio do nada fundar um Centro de Estudos de Línguas e Cultura Clássica (CEC) na Universidade de Brasília. Essa utopia transparece em artigo da jornalista Yvone Jean que no mesmo jornal em 18 de abril de 1962 reproduz a seguinte fala de Eudoro: “Brasília é mesmo o lugar ideal para ensinar a civilização clássica (JEAN, 1962).” A cidade modernista, ponta de lança de um projeto desenvolvimentista nacional, torna um terreno de construções as mais diversas.

⁵ Em prefácio à nova edição dessa obra por mim realizada, atendo-me a aspectos da publicação. V. MOTA 2012, SOUSA 2013.

Participando da vida cultura da cidade, o CEC organiza seminários, cursos, pesquisas e grande parte de seus integrantes escreve para o Caderno Cultural do *Correio Braziliense*. Eudoro publica textos ali entre 1965 e 1982, com maior ênfase entre os anos 1965 e 1969. Muitos desses materiais seriam reutilizados em seus livros como *Dioniso em Creta e Outros Ensaio* (SOUSA, 1973).

Nesse contexto, temos o artigo de Eudoro sobre Heráclito. Aqui vemos um Eudoro maduro, ciente e cioso de si, movendo-se entre as trilhas e tramas da pesquisa universitária mais atualizada e do ensaísmo agudo e vigoroso. O fulgor do jovem Eudoro encontra-se com a erudição, qualidade da escrita, e ágil argumentação. Mas o que mais se destaca é que agora Eudoro ocupa o centro do palco, está em primeiro plano: não é mais o tradutor ou o comentarista de outros: é ele quem propõe o caso e sua solução, ele quem elabora o texto e as questões que discute. O escritor-pensador é foco do texto, mas não apenas Heráclito – o próprio Eudoro performa as qualidades desse sujeito em reflexão que faz convergir o texto do artigo e a obra de Heráclito. Enfim, Eudoro, a partir do caso de Heráclito, defende a atividade intelectual em sua mais dilatada experiência.

Esse protagonismo eudoriano é distribuído nos parágrafos que formam o artigo⁶. Muito do que aqui está registrado no jornal será trasladado para o livro *Horizonte e complementariedade*, o que nos mostra os procedimentos de autoanálise e reelaboração como fundamentos do pensamento eudoriano. Os dois primeiros parágrafos situam o leitor em uma crítica sobre aspectos comuns na recepção de Heráclito, os quais constituem obstáculo para uma leitura mais problematizadora do filósofo de Éfeso e da tradição helênica. Em seguida, Eudoro apresenta a sua opção para se enfrentar os impasses oriundos da difusão de ideias cristalizadas sobre Heráclito: fazer uma análise detida de um grupo de fragmentos que se aproximariam tematicamente em torno de “algum indício de que Heráclito se tenha pronunciado, ainda que sem deliberado intuito, sobre a sua vocação de filósofo”.

Esse método de selecionar e aproximar fragmentos é útil, como forma de se ultrapassar a descontextualização que ocorreu por sua dispersão na Antiguidade, com a perda do livro original de Heráclito, descontextualização duplicada e exponenciada pela edição de DIELZ-KRANZ, que, como sabemos distribui os fragmentos em uma cronologia de suas fontes, sem se preocupar em seguir orientações expressas na biografia

⁶ O artigo completo segue em apêndice.

de Heráclito de Diógenes Laércio (D. L. 9.5-6), que afirma que o livro, *Da Natureza*, teria sido dividido em três partes – Sobre o Universo, Sobre a Cidade, Sobre Teologia⁷.

A divisão em grupos temáticos aparece na edição de Marcovich (MARCOVICH,1965), a melhor na época, e fora utilizada na obra de G.S.Kirk citada no parágrafo de abertura do artigo (KIRK, 1954). A mais recente edição de Heráclito, LAKS & MOST 2016, também se vale dessa correlação entre grandes partes e temas para tentar organizar o livro perdido de Heráclito⁸. Em todo caso, o agrupamento por temas aponta para um procedimento escritural em Heráclito, como o de variações ou constelações de referentes, as quais se correlacionam por diversos modos: reiteração, inversão, sobreposição, lembrando as técnicas dodecafônicas de transformação de uma série⁹.

A partir da exegese dos fragmentos aproximados tematicamente, Eudoro vai chamando para sua argumentação outros fragmentos, valendo-se da oposição e complementaridade entre *sono e vigília* para compreender ações mais amplas, como a própria produção de conhecimento, diáde já vista no texto sobre Novalis.

Esse empenho interpretativo é suspenso nos parágrafos finais do artigo, quando Eudoro ratifica a inexauribilidade do material que analisa. Eudoro devolve a palavra a Heráclito, e silencia sobre solução da questão que antes propusera: “A transcendência não tem linguagem que propriamente a exprima. {...} Heráclito não é nem mais nem menos “obscuro” do que qualquer outro espírito de eleição, do que qualquer outro que o invisível tenho visto e o inaudito tenha ouvido. A transcendência da experiência comum tem seu preço, que não é módico: paga-se pela troca, inevitável, da linguagem corrente por uma cifra incodiciada, pelo câmbio indesejado das “coisas”, que as palavras designam sem ambiguidades, por “símbolos”, de que indefinidamente se fala sem nunca lograr a exata expressão do que se pretende fazer.”

Tal abrupta interrupção nos lembra que Eudoro performa no espaço limitado fisicamente da metade da página de um jornal. Eudoro sai de cena, indicando futuros desdobramentos, os quais retomam o fascínio que tomou conta de nós após os movimentos de sua acrobacia hermenêutica.

Temos agora diante de nós alguém consciente de seus recursos linguísticos e argumentativos. As traduções realizadas para o exercício de ensino aprendizagem são

⁷ V. LEBEDVEV, 2014.

⁸ Para outras edições e métodos de organizar os fragmentos, v. KHAN 1979; JOHNSTONE, 1984; CONCHE, 1986; ROBINSON 1991.

⁹ SCHOENBERG, 1984, p.214-249.

retomadas e revistas¹⁰. Grande parte dessa reelaboração consiste da sintaxe, da virgulação, da busca de novos matizes e contornos da frase. O trabalho com a frase manifesta o domínio do movimento, da dinâmica entre a interação com o leitor e com o material que analisa, e da performance de um pensamento que se materializa em sua imediata presença, em seus jogos de desvios, aproximações, encaixes, saltos, cortes abruptos.

A tese que faltava

A publicação de *Horizonte e Complementariedade* em 1975 (SOUSA,1975) é um ponto culminante na carreira de Eudoro. Aos 64 anos ele enfim apresenta algo que se aproxima de uma obra única, um estudo específico e coesa, como uma tese. Para quem vinha das lides do autodidatismo, sem experimentar em todos os níveis universitários (graduação, mestrado, doutorado), a formação superior com suas divisões disciplinares, avaliações e produtos esperados (monografias, dissertações, teses), *Horizonte e Complementariedade* representa um acerto de contas com a tradição acadêmica.

Nas palavras de Eudoro, o livro se apresenta como um ‘ensaio’, dividido em 81 seções ou parágrafos, dos quais os “trinta primeiros versam sobre a codificação mítica; todos os seguintes, sobre a codificação filosófica; o último conclui, propondo a complementariedade como ideia-chave (SOUSA,1975, p.9).” Veja-se a construtividade do livro, que, em sua divisão em partes projeta sua hipótese: mito e filosofia em tensões e convergências. Ou seja, a macroestrutura da obra cifra sua interpretação. Um livro dividido em seções, cada seção com sua identidade, mas essas singularidades se relacionam a uma forma de organização que vai inserido as partes em um movimento integrativo.

Neste experimento escritural, Heráclito assume um lugar de destaque: “não passamos além dos limites da mitologia e da filosofia gregas, e nesta, só percorremos, a longos passos, o caminho que vai de Tales a Platão. Mas por motivos que se apresentam em seu devido lugar, o último filósofo referido é Heráclito (SOUSA,1975, p.9).” Estamos no âmbito do prefácio do livro. E desde já vislumbramos sua forma e o lugar de Heráclito. Eudoro rompe com uma linearidade cronológica e exclui Heráclito do trajeto temporal de Tales de Mileto (624/623 a.C. -548/545 a.C) a Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.). Tal

¹⁰ Há um trabalho ainda a se fazer, comparando as traduções de SOUSA, 1954; SOUSA, 1969; SOUSA, 1975; e SOUSA, 1978.

‘hipérbato temporal’ funde a figura e o pensamento de Heráclito com a conclusão mesma de *Horizonte e Complementaridade*. Desse modo, deslocando-se hermenêutica e historicamente, Eudoro habilita-se a propor, aquilo que em primeiro momento seria inexprimível dentro de uma normalidade historiográfica e acadêmica.

Se no prefácio esse deslocamento é indicado, mas postergado, como um *coup de théâtre*, na seção de conclusão do livro temos, enfim, a entrada anunciada e não menos impactante de Heráclito¹¹. Aqui os motivos desse ‘hipérbato temporal’ são explicitados: “Deixamos Heráclito para o fim, por duas razões que, de algum modo, sem sabermos por ora qual seja, devem andar estreitamente correlacionados. A primeira é que o filósofo não tem lugar na “história” da filosofia grega, se por tal entendemos o desenvolvimento do que se chama “filosofia”, em qualquer direção bem definida a partir dos problemas enunciados, de Tales de Mileto a Proclo de Atenas, isto é, do primeiro dos pré-socráticos ao último dos neoplatônicos. Heráclito não pode ser posto depois de qualquer um e antes de qualquer outro, por intrínseca necessidade de uma evolução do pensamento, seja qual for a ideia que se proponha como propulsora de uma evolução. Se, ainda hoje, compêndios e tratados de história da filosofia lhe designam um lugar que, com raríssimas exceções, é o da imediata precedência a Parmênides, o fato se deve, certamente à parcialidade de um mal-entendido, voluntário ou involuntário. E a segunda razão é que o “obscuro” Heráclito permanece na obscuridade e ainda não vemos que luz possa esclarecê-lo. Ao que nos parece, os estudos mais recentes só penetram até o ponto, do qual bem se avista o que ele jamais pensou (SOUSA,1975, p. 114)¹²”.

Como se pode observar, o estudo detido de Heráclito é uma provocação a estratégias sistêmicas que propõem uma unidade histórica e intelectual entre autores que vão do século VI a.C. até século V de nossa era. A ênfase em uma continuidade baseada na ‘evolução do pensamento’ é refutada em prol de uma abordagem menos geometrizar e mais multidimensional: frente à descontinuidade histórica, às lacunas, às sobreposições, nos movemos mais para a problemática de acontecimentos densos e incompletos.

Daí a ‘obscuridade’ de Heráclito permanecer em algo mais que o epíteto: séculos de constituição de uma historiografia sistêmica, linear e geometrizar da tradição helênica sedimentaram práticas interpretativas que ainda determinam o ensino e

¹¹ Sobre as entradas anunciada na tragédia grega, v. TAPLIN 1977; HAMILTON, 1978, MOTA,2008.

¹² Foi esse ‘estado da questão’ que me impeliu a escrever MOTA, 2018, indo para a performance e musicalidade como meios de enfrentamento do dilema apontado aqui por Eudoro de Sousa.

aprendizagem da recepção dessa tradição. O ‘caso Heráclito’ é paradigmático: retomá-lo é confrontar essas práticas, é confrontar a nós mesmos.

Exemplo sintomático desse ímpeto totalizante e sistêmico encontra-se na versão hegeliana de Heráclito que “viciou a história. Não há certeza mais certa do que esta: a “fluência” de todas as coisas não é a primeira nem a última palavra de Heráclito; nem sequer é palavra que alguma vez tenha designado o que que Heráclito tenha por verdade a realidade: O *pánta rheî* é um dos maiores ludíbrios da história (SOUSA, 1975, 114).”

E isso não é questão de opinião: para fundamentar suas posições, Eudoro vale-se de um diálogo com bibliografia especializada e atual, focando-se principalmente na tradição filológica e filosófica germânica, mas que inclui tradições italiana e estadunidense. E é desta última vem a mais clara argumentação sobre o equívoco em torno de uma completa defesa da ‘fluência de todas as coisas. Em obra referida no texto mas não citada por Eudoro, G.S. Kirk afirma que “Agora, sobre essa doutrina de que as coisas estão em constante mudança como o fluxo dos rios não há registro nenhum nos fragmentos, exceto os fr. 12 e fr. 91. (...) Ainda, esses fragmentos simplesmente consistem de afirmações sobre rios: nada é dito sobre coisas em geral comportando-se dessa forma. (...) De outro lado, há diversas evidências dos fragmentos nos quais Heráclito de modo algum nega estabilidade aplicada ao mundo natural; ao contrário: seu objetivo principal parece ratificar tal estabilidade, a qual, de acordo com ele, subjaz toda mudança, e, mais destacadamente toda mudança entre opostos. Disso, a interpretação platônica, que pode ser resumida na frase *pánta rheî*, de fato coloca a ênfase no lugar errado (KIRK, 1954, p.370).

A partir de um Heráclito escoimado das carcaças natimortas das leituras manualescas, Eudoro nos parágrafos 72 a 80, debruça-se a encontrar no filósofo de Éfesos o espaço discursivo no qual as tensões e convergências entre mito e metafísica se manifestam. Desse modo o enunciado sintético de Heráclito, aquilo que chamamos de ‘fragmento’, seria o locus de encenação desse movimento complexo entre realidades paradoxais, múltiplas, simultâneas: “uma coisa que nos aparece de um modo, vem aparecer-nos do modo contrário, ou como o contrário (SOUSA, 1975, p.124)”.

Assim, mas que um exercício de estilo ou anti-estilo, para além da linguagem, ou inserindo a linguagem na materialidade do cosmo, os fragmentos de Heráclito são ao mesmo tempo 1- *uma reflexão* sobre o ritmo de continuidade/descontinuidade que

determina as coisas no mundo e eles mesmos 2- *coisas desse mundo* em seu ritmo de irrupção.

Desse modo, o Heráclito desse momento de Heráclito é mais que uma questão linguística ou um tema de dissertação filosófica: a meditação sobre Heráclito impulsiona uma abertura para a complexidade do real.

Eudoro em Vídeo

Neste último momento, próximo de sua morte, Eudoro deixou-se filmar para jovens estudantes da Universidade de Brasília em maio de 1987. O material foi depois reaproveitado no vídeo *Eudoro e o Logos Heraclítico*¹³. Nos poucos trechos em que aparece, Eudoro brada: “Ele nunca disse ‘tudo flui, tudo corre’. Só a água corre. O rio continua o mesmo. O movimento da matéria não é problema de Heráclito. Não há dialética em Heráclito. Todo é um. O *logos* nos diz sobre a lei do universo. Mesmo e outro.”

Tais veementes assertivas ecoam o que havia escrito em *Horizonte e Complementariedade*, em 1975, e o artigo ‘Heráclito e a vocação do Filósofo’, de 1969. Mais que reiteração, é possível ver um cansado senhor ainda com energias de um êxtase, quase em transe, tomado por aquilo que considera uma descoberta, o resumo de sua vida. Esse esforço mobiliza o homem inteiro. Repetir, repetir até que o ouçam. Redizer as mesmas novas palavras, aquilo que é necessário. A voz que faz retornar o mesmo prolonga-se para além de si mesma. Eudoro resta como a voz que brama no deserto.

Conclusão projetiva

Fechando as pontas, de seu primeiro texto até seu último registro, Eudoro esteve associado a Heráclito. Esse íntimo vínculo foi se transformando, incorporando as mudanças mesmas nos contextos vivenciais, profissionais e intelectuais de Eudoro. Em todo caso, Heráclito é funciona como paradigma para Eudoro. Entre os pontos de aproximação, temos:

- a - atividade intelectual multidisciplinar;
- b-postura crítica;

¹³ Link para site do projeto: eudorodesouza.wixsite.com/e-o-logos-heraclito. Acesso 20 07 2019. Este vídeo e o material de Eudoro foram dirigidos por Reginaldo Gontijo e Luiz Fernando Suffiati.

c- expressão textual elaborada;

d-domínio de objetos complexos, racionais e irracionais (sonhos, sensibilidade, imaginação)¹⁴.

Disso, podemos estender a dimensão paradigmática de Heráclito para outros temas poucos discutidos tanto na recepção do filósofo de Éfeso e de Eudoro mesmo: a racionalidade em torno de experiência amplas, integrativas e processuais aproximam ambos os escritores-pensadores de eventos performativos.

No caso de Eudoro, sempre lembrar que seu fascínio por temas estéticos, como visto no texto sobre Novalis, depois se diversifica no estudo dos mitos, e em seu trabalho com a tradição teatral ateniense, seja na tradução e comentário da *Poética* de Aristóteles (1966), *As Bacantes* de Eurípides (1974) e mesmos as notas de um curso sobre Antígona (1978), seja inserindo a teatralidade como modelo para seus livros finais – *Mitologia* (1980) e *História e Mito*(1981)¹⁵.

Digno de nota é o feito escritural que precede a introdução dos parágrafos sobre Heráclito como fechamento de *Horizonte e Complementariedade*: após o comentário detalhado do dramaturgia da caverna de *A República* de Platão, Eudoro acena: “Daqui poderia arrancar uma teoria dramática do conhecimento, da qual não discordaríamos, provisto que não se pretenda que, através da história, só um drama se tenha representado, tendo o homem por protagonista, e, como cenário projetado pela própria ação dramática, um mundo inteiramente submetido a seus propósitos de domínio incondicionado. Há um drama gnosiológico, para cada cultura bem diferenciada (SOUSA, 1975, p.113)”.

Justamente antes do obscuro Heráclito temos correlações entre teatralidade, conhecimento e mito. Não seria o enigma Heráclito a cifra de uma experiência multiplanar, teatralizada, e sua escrita uma reencenação, como uma performance mesma?

Dessa forma, quando mais avançou em seu paradigma intelectual, mais reformulando-o, mais reformulando-se, Eudoro devolveu-nos uma desconstrução da Grécia clássica por meio de experimentos escriturais performativamente orientados.

A partir daí, e daí em diante, temos um campo aberto para retomar essa tradição e nos redefinir como seus intérpretes.

¹⁴ Valho-me do neologismo de Bachelard. V. BACHELARD, 1972, p.10. V. ainda MOTA,2014.

¹⁵ Outro tema a se considerar é forte presença de traduções entre as atividades de Eudoro de Sousa, não apenas traduções e comentários de obras, como as citadas, mas também o trabalho interno de traduções/citações, em suas publicações.

Referências bibliográficas:

- BACHELARD, G. *L'Engagement rationaliste*. (Recueil posthume de textes divers, préface de G. Canguilhem). Paris: PUF, 1972.^[1]_[SEP]
- CONCHE, M. *Héraclite. Fragments*. Paris: PUF, 1986.
- COSTA, A. *Heráclito. Fragmentos Contextualizados*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- KHAN, C. *The Art and Thought of Heraclitus*. Cambridge University Press, 1979. Há agora a tradução brasileira pela Paulus, 2009.
- KIRK, G. S. *Heraclitus. The Cosmic Fragments*. Cambridge University Press, 1954.
- FRAENKEL, H. A Thought Pattern in Heraclitus. *The American Journal of Philology*, Vol. 59.3, p. 309-33, 1938.
- HAMILTON, R. Announced Entrances in Greek Tragedy. *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 82, p. 63-82, 1978.
- JEAN, Y. Civilização Clássica em Brasília. *Correio Braziliense*, p.2, 1962.
- JOHNSTONE, H. *Heraclitus. Bryn Mawr Commentaries*, 1984.
- LEBEDEV, Andrei. *The Logos of Heraclitus: a Reconstruction of his Thought and Word*. Saint Petersburg: Nauka Publishers, 2014. Link: https://www.academia.edu/8188629/Andrei_Lebedev_New_edition_of_Heraclitus_2014_Samples.
- LAKS, A. & MOST, G. (Eds.). *Early Greek Philosophy. Early Ionian Thinkers. Part 2*. Harvard University Press, 2016.
- LÓIA, L. *Philosophia e Philomythia em Eudoro de Sousa*. Tese, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2018.
- MARCOVICH, M. *Eraclito. Framenti*. Edição italiana de *Editio Maior*. In: MARCOVICH; MONDOLFO & TÁRAN 2007:361-780.
- MARCOVICH, M. *Heraclitus. Editio Maior*. Merida: The Los Andes University Press, 1967.
- MARCOVICH, M. Heraclitus: Some Characteristics. *Illinois Classical Studies*, Vol. 7. 2, p. 171-188, 1982.
- MARCOVICH, M.; MONDOLFO, R. & TÁRAN, L. *Eraclito. Testemonizanze, Imitazioni e Frammenti*. Milão: Bompiani, 2007.
- MOTA, M. *A dramaturgia musical de Ésquilo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- MOTA, M. Entre Livros e Eudoro: Relato de algumas experiências. *Revista Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental*. v.8, p.57 - 74, 2012.^[1]_[SEP]
- MOTA, M. *Imaginação e Morte. Ensaios sobre a Representação da Finitude*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

- MOTA, M. *Metafísica, Escrita e Música: Ensaio sobre os fragmentos de Heráclito*. Lisboa: Movimento Lusófono Internacional, 2018.
- REALE, G. *I Pressocratici*. Milão: Bompiani, 2006.
- ROBINSON, T.M. *Heraclitus. Fragments*. University of Toronto Press, 1991.
- SCHOENBERG, A. *Style and Idea*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- SOUSA, E. Fragmentos de Novalis» (nota preambular e trad.). *Presença*, série II, n.o 2, Lisboa, fev. 1940, pp. 73-78. [1]
[SEP]
- SOUSA, E. Fontes da história da filosofia antiga: de Tales a Crítas: filosofia da natureza, os jónios, Xenófanes, in *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 4 (1), 96-123, jan./mar., 1954.
- SOUSA, E. Heráclito e a vocação de filósofo», in *Correio Braziliense*, Caderno Cultural, Brasília, 18 jan. 1969.
- SOUSA, E. *Dioniso em Creta e outros Ensaio: Estudos de mitologia e filosofia da Grécia Antiga*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.
- SOUSA, E. *Horizonte e Complementariedade: Ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos*: Brasília, Série Universidade – 6, Editora Universidade de Brasília/ São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. [1]
[SEP]
- SOUSA, E. Fontes da história da filosofia antiga: de Tales a Crítas: filosofia da natureza, Heráclito, in *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 4 (2), 290-323, abr./jun., 1954. [1]
[SEP]
- SOUSA, E. *Filosofia Grega* (org. e trad. do grego), Cadernos da UnB – 1, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1978; *Filosofia Grega*, org. Marcus Mota e Gabriele Cornelli. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2013(SOUSA, 2013).
- SOUSA, E. *História e mito (Mitologia II)*. Brasília, Editora UnB, 1981.
- TAPLIN, O. *The Stagecraft of Aeschylus: The Dramatic Use of Exits and Entrances in Greek Tragedy*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

Anexo¹⁶

Transcrição do texto: *Heráclito e a vocação de filósofo* (SOUSA 1969)¹⁷.

De Heráclito e em torno de Heráclito muitas páginas foram escritas, muitas se publicaram, muitas mais, talvez, de que escritas e publicadas deveriam ter sido. Como exemplo flagrante, ou do flagrante delito de propositadamente divagar, testemunham aquelas, que tantas são, comentando o PANTA RHEI (“tudo corre”) que, ao que mais provável parece, o filósofo de Éfeso jamais proferiu nem escreveu (cf. Kirk, HERACLITUS: THE COSMIC FRAGMENTS). E só isto, para não falar da invenção e da aplicação da tão famosa dialética, e dos inumeráveis panfletos que o situam triunfante na vanguarda do materialismo. Mas, é claro que bem pode dispensar-se de ler o próprio filósofo, quem quer que por objetivo não tenha averiguar o que ele disse ou não disse.

Outras e excelentes páginas se publicaram no mais louvável propósito de dissipar a obscuridade que tradicionalmente acompanha a fama de Heráclito HO SKOTEINOS (“o obscuro”)¹⁸. Já na Antiguidade corria, como anedota, que, tendo Eurípides perguntado a Sócrates, qual a sua opinião sobre o livro do Efésio, aquele lhe respondera: “O que entendi é excelente. Julgo que também o seja aquilo que não entendi; aliás, seria preciso ser o mergulhador de Delos, para entendê-lo”. (Diógenes Laércio). Na realidade, não é fácil entender um pensamento expresso em um estilo aforístico e, especialmente, quando nem mesmo os aforismos são citados na íntegra. Quem na Antiguidade os citou, querendo, o mais das vezes, ilustrar doutrina sua, e não, expor a dele, pouco lhe importava o contexto. E acresce que, embora sendo, dos chamados pré-socráticos, o primeiro filósofo do qual possuímos texto mais extenso, nem de longe, o possuímos todo.

Exercem-se, por conseguinte, os métodos interpretativos, numa primeira intenção de constituir grupos, que se delimitam, naturalmente pela referência a determinados conceitos, obtendo-se, deste modo, os grupos de fragmentos que falando de “lógos”, do “fogo”, dos “opostos”, da “guerra”, e outros que tais. Mas sempre sobram, afinal, os que se recusam a entrar em qualquer grupo. Também é princípio de método eficaz, cuidar de que demasiado se não contradigam entre si as doutrinas que se apuraram pela análise de

¹⁶ Mantivemos o estilo do autor, como se vê em sua virgulação, modo de citar as fontes, e uso de letras capitais para palavras, títulos de obras e expressões em destaque.

¹⁷

Link:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_01&pasta=ano%20196&pesq=EUDORO .
Para reprodução do texto, contactar dapress@dabr.com.br

¹⁸ No texto do jornal, pequena gralha, “SHOTEINOS”, aqui corrigida.

cada grupo de fragmentos. É certo que a aplicação rigorosa e intransigente deste princípio pode conduzir a resultados ilusórios. Consulte, o leitor, dois ou três verbetes do NIETZSCHE-REGISTER, de Richard Oehler¹⁹, e verificará por si mesmo quanto e de quantas maneiras se contradizem, mesmo em poucos aforismos, os significados de conceitos expressos pelas mesmas palavras. Por enquanto, nenhuma prova se prestou de que para Heráclito como para Nietzsche, a regra de coerência não fosse a incoerência e a contradição.

E tanto basta, quanto a Heráclito, em geral. Não pretendemos, de modo nenhum, somar mais uma unidade ao maior número de espécimes de uma literatura inútil e esterilmente contraditória.

Um só aspecto, no revolvidíssimo campo problemático, nos preocupa, de momento, designadamente, o de saber se haverá entre os fragmentos tidos por autênticos, algum indício de que Heráclito se tenha pronunciado, ainda que sem deliberado intuito, sobre a sua vocação de filósofo. Ao que nos parece, a questão resolve-se afirmativamente, e demonstrá-lo (?), é o que nos propomos nas linhas que seguem.

Começemos por selecionar um grupo de fragmentos (os números iniciais são os da edição original de Hermann Diels e Walter Kranz²⁰):

(1) Este “lógos”, sendo (como o enunciado), sempre o não entendem os homens, quer antes de o haverem escutado, quer após o terem ouvido. Pois, ainda que tudo aconteça segundo este “lógos”, inexpertos parecem, mesmo que experimentem palavras e ações, tal como eu as exponho, distinguindo a natureza de cada uma delas, e explicando-a tal qual é. Os demais jovens, porém, tão pouco sabem o que fazem despertos, quão pouco se lembram do que fizeram dormindo.

(21) Morte é o que vemos despertos, e o que vemos dormindo é sono.

(26) Acende o homem de noite uma luz para si, quando a luz de seus olhos se extinguiu. Vivo, no sono adere ao morto, e na vigília ao dormente.

(63) Diante dele, ali presente eles se levantam e convertem em vigilantes guardiões dos vivos e dos mortos.

(72) Com o “lógos”, com o qual se encontram em tão estreita relação (...) estão eles em desacordo, e o que dia a dia lhes depara, estranho lhes parece.

¹⁹ Referência à obra *Nietzsche-Register Alphabetisch-Systematische Übersicht Über Friedrich Nietzsches Gedankenwelt, Nach Begriffen Und Namen Aus Dem Text Entwickelt*, de Richard Oehler (Stuttgart: Alfred Kröner, 1943). É uma concordância/enciclopédia com entradas sobre autores e conceitos empregados por Nietzsche em suas obras.

²⁰ No texto do jornal, pequena gralha, “Krazn”, aqui corrigida.

(73) Importa não agir nem falar com dormentes.

(75) (Todos nós colaboramos num trabalho, uns ciente e inteligentemente, outros inconscientemente, como, segundo creio, Heráclito chama aos que dormem) operantes e cooperantes do que sucede no cósmos.

(88) (Em nós) o mesmo (é) o vivo e o morto, o vigilante e o dormente, o jovem e o velho. Estes, mudando, são aqueles; e aqueles, tornando a mudar, são estes.

(89) Os que vigiam têm um cósmo comum a todos, mas os que dormem, voltam-se, cada um, para o seu próprio.

Grupo heteróclito, sem dúvida, que não parece denunciar nem o esboço de uma convergência de ideias, mas unicamente constituído, umas vezes pela equação, outras vezes pela oposição de SONO e VIGÍLIA (única excepção parece o frag. 72, mas é fácil verificar a latência do mesmo pensamento, se o cotejarmos com o frag. 1)

O que nos impressiona, logo de início, é que a imagem do sono e da vigília deve ter exercido no pensamento de Heráclito certa obsessão fascinante; de contrário, dificilmente se explicaria que a encontrássemos, nas primeiras linhas, se aceitamos, - e nada se opõe a que a aceitemos- , a opinião tradicional de que, no teor do frag. 1, possuímos o primeiro período ou o primeiro aforismo do livro que se lhe atribui. A ideia é esta: entre mim, que conheço e ensino o “lógos”, e os outros que o desconhecem, é que eles TÃO POUCO SABEM O QUE FAZEM DESPERTOS QUÃO POUCO SE LEMBRAM DO QUE FIZERAM DORMINDO. Se há uma oposição e um contraste, entre o sono e a vigília, a gradação é tão diminuta, que mal se apercebe, pelo menos, nos ignorantes e incientes. E repare-se que tais homens não são propriamente os da massa despreocupada do saber; entre esses, há o que a muita ciência não ensinou a ser inteligentes, como Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu (frag. 40), e os respectivos sequazes, que não compreendendo o se lhes depara, nem o reconhecendo depois de o aprenderem (frag.17), muito menos se acham à altura de entender a sua mensagem originalíssima. Do sono à vigília comum, vai um mínimo de gradação qualitativa. Despertos, agem e falam como dormentes (frag.73) isto é, operam e cooperam, sem participação lúcida e consciente, como que sucede no mundo (frag. 75). Tão insignificante é a gradação qualitativa, entre sono e vigília, na vida mental do comum dos homens, que MORTE é o que vêem despertos, e SONO o que vêem dormindo (frag.21): pouco há que distinguir, com efeito, entre os dois gêmeos mito-poéticos o Sono e a Morte. E talvez

concepção semelhante se descobrisse sob a letra do original do frag. 26, se não fossem as suas corruptelas desesperadamente insanáveis.

Mas, por outro lado, há uma vigília diferente, a dos que têm um Cósmos comum a tordos (frag.89) a dos Vigilantes que se erguem diante de não sabemos quem, para serem os guardiões dos vivos e dos mortos (frag. 63). É possível que este último tratamento pertencesse a um contexto escatológico, como pretende o autor que o cita; mas talvez – damos a hipótese pelo que se entender que valha – esse GUARDIÕES vigilantes não andem longe dos “Guardas” da REPÚBLICA Platônica, que, na cidade ideal, seriam os únicos a ascender grau a grau toda a escala da educação filosófica, aqueles que saíram da Caverna a contemplar o Sol e nele subentederam a imagem física da metafísica Ideia das ideias.

Eis-nos, por conseguinte, diante de duas vigílias, das quais só uma não é como que o outro lado do sono. Esta é, a que Heráclito reivindica para si; a outra é a da multidão...

O pensamento arcaico dos Gregos conforma-se a alguns esquemas, ou normas fixas, fato por muitos estudiosos pressentido, mas que a bem poucos foi dado exprimir em sua iluminante concreção. Entre estes, foi Hermann Fraenkel quem logrou denunciar que Heráclito o sugestivo processo do “meio proporcional”²¹. Os fragmentos 82 e 83, que, infelizmente, são livre trasladação dos originais do filósofo, constituem-se como mais claro exemplo do mencionado esquema:

(82) “Homem, tu ignoras a verdade daquelas palavras de Heráclito; que o mais belo dos símios é horrendo, comparado com o gênero humano, e, como diz o sábio Hípias, a mais bela das marmitas é feia, comparada com a estirpe das donzelas?”(Plat. HIPPIAS MAIOR p. 289^{a22}).

(83) “Que dizes, Sócrates? As donzelas comparadas com os deuses, não estarão no caso das marmitas comparadas com as donzelas? Não pareceria feia a mais bela das virgesn; Não afirma o próprio Heráclito, que tu invovas: o mais sábio dos homens, comparado com deus, parece um símio, em sabedoria, beleza e tudo o mais?” (IBID. 289b).

A norma é evidente (a:b=b:c) - o símio está para o homem, como o homem está para deus; a mais perfeita das marmitas está para a mais bela das virgens está para a

²¹ Referência ao texto de H. Fraenkel de 1938. Uma rediscussão desse conceito encontra-se em MARCOVICH,1982.

²² No texto do jornal, pequena gralha, “Olat.”, aqui corrigida, e inserida no início das aspas.

excelência da divindade. O processo encontra-se completa ou incompletamente formulado, plenamente expresso ou apenas sugerido em muitos e muitos outros fragmentos. E, assim, no grupo que selecionamos: o dormente está para o vigilante, como o vigilante está para X. E que é este X senão O HOMEM QUE DESPERTA PARA UM VIGÍLIA TAL QUE, COMPARADA COM ELA, A VIGÍLIA COMUM É SONO²³?

A vocação do filósofo manifesta-se pois, como apelo a uma Vigília, como um toque de despertar do sono que os demais prosseguem dormindo, ainda que se julguem despertos. “A vida é sonho”, nem literariamente, isto é, nem mesmo desvestida das insígnias da transcendência que lhe impôs o poeta espanhol, é uma verdade banal. Se o que dorme, vive no mundo que só ele sonha, e está voltado só para um, que é o seu próprio mundo sonhado(frag.89), também os que todo o dia despertam para a vigília comum percorrem sonambulicamente as sendas que cruzam e se entrecruzam no mesmo horizonte da cultura que receberam e os recebeu²⁴. Na verdade, mesmo despertors, agem e falam como dormentes (frag.73).

Mas a relação “sono/vigília”, mesmo na vulgar imanência do fisiológico, tem um sentido; e esse, de algum modo se transfere para a segunda relação “vigília/X”. Só que o primeiro sentido passa, agora, quase depercebidamente, do plano da imanência para o plano da transcendência. Da vigília comum, que nem tanto difere do sono, passa-se a um VIGILÂNCIA, à qual se acede por um autêntico salto para o transcendente. Chame-se-lhe, - se algo é preciso chamar-lhe -, uma transcendentalização do horizonte cultural. Diga-se, - se em algum dito se encontra apoio -, que a grande “Vigilância” do filósofo tem o LÓGOS por novo horizonte. Mas o fundamental é compreender que o símbolo de igualdade, só verdadeiramente o é, na proporção a:b – b:c; pois na forma operacional, metafísica, de Heráclito, é mais a sugestão o convite instantâneo para superar a minorada gradação “sono-vigília”, mediante a ACROBACIA espiritual, em que uma vez se viu, como se pode ver, a real indiferença do sono e da vigília.

É nesse ponto que muito naturalmente se vem inserir toda a problemática atinente à obscuridade da expressão filosófica em Heráclito.

A transcendência não tem linguagem que propriamente a exprima. Depois do quanto se escreveu acerca do LOGOS heracliteano, que ficamos nós sabendo, que se possa expressar por palavras inequívocas, sem ambiguidade que nos deixe

²³ No texto do jornal, pequena gralha, “VILÍLIA”, aqui é corrigida.

²⁴ No texto do jornal, “soambulicamente”.

irremediavelmente perplexos, enrodilhados e empecidos em questões insolutas e insolúveis? Que é o LOGOS? O próprio discorrer do filósofo, a exposição verbal em que distingue a natureza de cada uma das coisas, expondo-a tal qual é (frag. 1)? Ou o que faz que tudo venha a ser o que na verdade é, segundo uma lei que o filósofo não formula diretamente em nenhum dos fragmentos que restam da sua obra? Não cremos que haja ou jamais tenha havido alguém que, tendo alguma coisa que dizer, e bem quisesse dizer-la de propósito, oculto ou manifesto, obscuramente a dissesse.

Heráclito não é nem mais nem menos “obscuro” do que qualquer outro espírito de eleição, do que qualquer outro que o invisível tenho visto e o inaudito tenho ouvido. A transcensão da experiência comum tem seu preço, que não é módico: paga-se pela troca, inevitável, da linguagem corrente por uma cifra incodiciada²⁵, pelo câmbio indesejado das “coisas”, que as palavras designam sem ambigüidades, por “símbolos”, de que indefinidamente se fala sem nunca lograr a exata expressão do que se pretende fazer. Assim é que, no horizonte da grande “Vigília” avultam os símbolos dos “opostos”, do “fogo”, do “prélio”, como cifra do LOGOS.

Aliás, da impossibilidade de falar e da necessidade de não calar, testemunha o próprio filósofo, propondo-se orgulhosamente na sede do Oráculo: “O Soberano de Delfos não diz nem cala: dá sinais”(frag.93).

²⁵ No texto do jornal, “incoficiada”.